CARTA PARA O MÁRIO

Por Alice Vieira

Há muitos anos (no tempo em que ainda festejavam os nossos aniversários, como certamente diria o Pessoa), tu foste capaz de entrar na redacção do *Diário de Notícias* calçando chinelas (ainda não se chamavam «havaianas») e envergando calções de praia (ainda não se chamavam «bermudas») para protestar contra uma avaria do ar condicionado que ameaçava eternizar-se. Convém adiantar que, nesse tempo, tu eras chefe de redacção (ainda não se chamava… sei lá o que se chama agora) e o *Diário de Notícias* era ainda um lugar por onde pairava o fantasma do Embaixador Augusto de Castro (cujo elevador, de resto, teve durante anos o acesso proibido ao comum dos mortais).

Então eu pensei: um homem que é capaz de fazer isto é capaz de tudo.

Acertei.

Foste capaz de inventar malandros de quem gostamos mais do que se fossem poços de virtudes sem fim; assaltos que, bem no fundo de nós, desejamos sempre que a polícia não venha

interromper; ruas sem nome mas mais conhecidas do que as que têm placas cheias de apelidos, datas e profissões de alguém que se quis (às vezes sabe-se lá porquê) homenagear; mulheres-fantasmas que nos povoam as noites com seus pezinhos de lã; antigos amores divididos sempre em dois únicos grupos, os que nos abandonam e os que não descolam; jogadores de futebol que ganham desafios (e o direito a sair em ombros ao som de valsas) com golos invalidados e expulsão da bancada; professores de história capazes de trocar as mais tentadoras formas femininas por uma boa discussão sobre Nabucodonosor; pinga-amores de risca ao meio e brilhantina com quem desejaríamos muitas vezes (inconfessadamente) trocar algumas palavras e, digamos, não só…

E foste capaz de inventar uma cidade que todos nós gostaríamos que existisse ainda — e que, por tua causa, ainda às vezes acreditamos que é aquela em que vivemos.

Mas olha, vou dar-te uma má notícia: a Rua de Trás foi à vida. Eu sei que ela já estava mais morta que viva e o seu fatal desaparecimento era destino que tu já previas quando, há vinte e tal anos, contaste pela primeira vez a sua história, o som dos *bulldozers* a inundar já as últimas páginas. Mas, mesmo assim, ainda deixavas alguns ténues fios de esperança nos nossos corações.

Desfiaram-se todos.

Porque não só morreu a Rua de Trás (aquela que teve tantos nomes que nunca ninguém se deu ao trabalho de decorar fosse qual fosse) como também a outra, a que tu, no teu inquebrantável optimismo, imaginaste que iria surgir no fim de tudo.

Lastimo dizer-te: não surgiu.

Esta cidade em que vivemos já não se compadece com Ruas de Trás, da Frente ou do Lado, em que ainda havia vizinhos que

assobiavam e ensinavam a tocar concertina e bombo, cafés com cadeiras de ferro e mesas onde se jogava o dominó no aconchego de um abatanado e um bagaço, sapateiros que deitavam gáspeas nas botas, electricistas sempre prontos a acudir a qualquer desgraça doméstica , marcos-do-correio-de-portinha-ao-centro-não--sabes-eu-creio-o-que-tens-lá-dentro, prédios de dois andares de portas encravadas e passeios onde se podia estar sentado à espera de se ser feliz.

Porque esta cidade já não tem ruas, nem vizinhos, nem gente de rosto humano e nome próprio.

Esta cidade tem apenas carros, carros, muitos carros. Carros que atropelam outros carros, carros que estacionam em cima de outros carros, carros que cortam a passagem a outros carros. E pressa, pressa, muita pressa. Pressa de chegar ao topo — não se sabe de que ruas, não se sabe de que vidas.

E prédios muito altos que, de um momento para o outro, transformaram um vizinho num estranho, baptizado com a alcunha de "condómino", e de que todos ignoram o nome, o rosto, o ofício, as dores e as alegrias.

Da tua Rua de Trás de há vinte e tal anos nada ficou — nem sequer os seis caixotes de fotografias religiosamente tiradas, durante quarenta e cinco anos, pelo falecido Julião Galho e seu filho Vitorino Francisco: uma estúpida quesília de heranças desbaratou o tesouro, que hoje se encontra em retratos repartido por todas as feiras da ladra deste mundo, havendo mesmo quem assegure ter encontrado a mãe da Nandinha aos seis meses, como Deus a pôs no mundo, dedo indicador espetado na bochecha e caracol a cair para a testa — no meio de condecorações, botas e bacios de porcelana numa feira de velharias na Quirguízia.

O Café-Bar Frequência é agora uma agência bancária — mas até essa está à beira de fechar pois parece não ter movimento que a justifique.

O marco do correio foi levado para outras paragens mas em sua substituição há uma estação de correios toda em vermelho flamejante que até faz doer os olhos, e com uma data de *guichets*, embora nunca haja mais do que um a funcionar — mas também parece não ter grande futuro, os *e-mails* mataram o romantismo da carta a cheirar a perfume e os telemóveis resolveram o problema do nós-por-cá-todos-bem, e se forem poucas as senhas ao fim do dia, isso prova que a freguesia rareou e lá fecham o estaminé.

A tabacaria deu lugar a uma multi-ópticas com um boneco à porta, em que esbarram todos os clientes de olhinhos piscos; o talho do Ramires, a oficina do sapateiro Felício e o lugar de fruta da Serafina Tomé de Sousa morreram todos, sem rasto nem glória, sob os mármores cor-de-rosa de um centro comercial (mais conhecido por *shopping*) a abarrotar de lojas que mudam de ramo dia sim dia não; e, no pouco que ainda restava da rua, florescem espaventosamente as lojas dos chineses — onde já alguém viu D. Nídia comprando uma Sagrada Família de gesso que muda de cor consoante a temperatura ambiente, e um espectacular peixe azul que, para além de ser candeeiro de mesa-de-cabeceira e despertador de pilhas, ainda canta sucessos do Júlio Iglésias quando lhe apertam a barriga. Dizem que, por estas e por outras, é que o Dr. Sérgio continua cada vez mais apaixonado pelos etruscos.

Ah, já quase me ia esquecendo de te dar uma notícia importante.

Lembras-te daquela cratera imensa que ficou no lugar do prédio que ruiu, e onde a malta nova organizava bailaricos?

Pois é verdade: vinte e tal anos depois, o buraco do 18 continua na mesma. Só que sem bailaricos, que o tempo não vai para festas e os novos desertaram todos.

Mas quem sabe se, um dia, pela tua mão, o buraco do 18 não se transformará em prédio digno de registo, capaz de iluminar um bairro inteiro, povoado de gente que, neste novo tempo, ainda encontra tempo para reinventar a palavra vizinho e para esperar pela felicidade?

Não me desiludas, eu sei que tu és capaz.

Tu és capaz de tudo, meu (bom) malandro!

HISTÓRIAS DO FIM DA RUA

1.

A nossa rua usou distintos nomes, com fôlego de nobreza e santidade: Rua Infanta Dona Maria (1521-1577), Rua D. Jorge da Costa, Cardeal de Alpedrinha 1406-1508), Rua da Salvação das Almas (sem data). Apresentou-se ainda como Rua Manuel Francisco Bordador, que não consegui apurar quem foi. Nem interessa. Podem mudar-lhe as placas e baptismos, que nunca alguém se importou: só a conhecem por Rua de Trás.

Aqui aportei há seis anos, com minha mulher, que sempre se chamou Nídia e me antepôs um único marido — Jerónimo (1968-1971) — seguido de enlace menos formal e dilatado: Rui Abílio (1972).

Nídia é longa, esguia, às vezes misteriosa, frequente em surpresas. A rua não: abre-se em recta clara e exposta, um pouco atarracada no meão das casas, que não espigaram acima do primeiro andar.

Há apenas dois lapsos discordantes nessa formatura de prédios alinhados ombro a ombro em duas filas: o sisudo casarão onde habitamos e, no lado oposto, o buraco aberto pela derrocada do 18.

Menos previsível, Nídia é um ziguezague, toda ela se esgueira de si mesma: perversa e bondosa, tagarela e ensimesmada, fácil e fugidia, sensata, tonta, um prodígio e uma enxaqueca.

No preciso dia em que o 18 fraquejou nas curvas e caiu de borco sobre a fachada branca, emalara Nídia alguns pertences, zarpando na rota do domicílio paterno. Oh, nada de felicitações, foi ir e voltar. Obsequeia-me com estes exílios periódicos, ruma aos pais ou aponta aos irmãos, à prima Letícia, mesmo à tia-avó Joaquina, moradora em Coimbra. Santa e prestável família! Lástima não dispor minha mulher de mais parentes gentis e convidantes, aprovo e aplaudo essas excursões, à ida. No regresso, recebo-a como um cavalheiro: não cometi, nunca!, a indelicadeza honesta de lamentar tanta pressa.

Lamentei porém a sua ausência quando o 18 ruiu — as desgraças doem mais quando nos apanham sós. Teria apreciado, nesse instante, uma palavra de ânimo. E daí, não sei: talvez zombasse do meu desgosto e do badagaio que diminuiu a rua.

Não foi, aliás, novidade. Todos sabíamos estar o prédio de pés para a cova, há muito lhe haviam tirado as esperanças e os inquilinos. E nessa tarde, Manuel Hilário, atento vizinho e pedreiro de ofício, depois de meter pelas fendas e empenas o nariz conhecedor, apresentara o diagnóstico: «Está por horas.» Mas a gente prende-se a uma ilusão, a dúvidas sem nexo, nestas coisas da vida e da morte: o reboliço foi tanto como se a casa tivesse expirado na flor dos anos. Num ápice a rua pula da cama, ferve em arraial brusco e íntimo, vai tudo ao velório do 18, cortejo de pijamas listados, combinações e camisas de dormir, robustos troncos nus. Especialmente notadas as distracções de Manelinho Peliça, cabeça perdida, esquecido do chinó; e de um dos Ramires do talho, o pai, que sai à cena só com o avental de

cortar as reses, todo ele por baixo em carne limpa, desatento da nudez da alcatra.

Nessa hora convulsa, Nídia dorme — suponho — no quartinho de solteira que mantém, funcional e de reserva, em casa dos pais. Mulher previdente. Estivesse ela aqui e não resistiria a bisbilhotar de perto: imagino-a disparando em corrida, falsamente abrigada no balandrau transparente com que se veste de despida. Ou não. Poderia acordar em maré de esmeros e vagares, decidir-se por traje de cerimónia, maquilhagem cuidada. Num ou noutro preparo, teria roubado as atenções à calva revelada do Manelinho Peliça e ao emproado rabiosque do nosso magarefe.

Ao tornar a casa, reconfortada por três dias de distância, conto-lhe tintim por tintim os sucessos da noitada. Pressinto-a radiante, vai agradar-lhe ter a rua ficado com uma fatia a menos. Engano-me de novo: corre à janela a espreitar o vazio, faz beicinho, ei-la com um desgosto às costas. Espero, todavia, não me enganar no sábado. Impossível, Nídia anseia, tanto como eu, uma conversa total e sincera. Afinal tudo está dito, falta apenas dar o som e o peso das palavras ao que tanto dissemos um ao outro, nessa outra comunicação que é a ausência dela. Impacientes por igual, taco a taco. Haverá dois anos — três? — andamos neste jogo de escondidas eternizado por um equívoco: ambos os jogadores correram a esconder-se e não ficou ninguém a procurar alguém. Façamo-nos, então, esse mútuo favor. Mas com classe: preparei uma festa adequada, jantar no Floreano, champanhe, música. Não esquecerei as flores — Nídia perde-se por rosas de qualquer cor, excepto cor-de-rosa. Aí, num ambiente almofadado como o nosso dia-a-dia suavemente belicoso, diremos de novo «sim».

O rosto de Nídia reflecte o bem-estar de quem percebeu a intenção do convite: abriu esse sorriso imenso que expõe ao público

duas fieiras de dentes perfeitíssimos. Certos, alinhados, jovens. Apercebo-me, de súbito, como o sorriso da nossa rua se tornou velho desde a perda do 18, minado pela sua cárie sem remédio. Não há ameaça de ruína na boca rara de Nídia: feliz pelo convite, salta-me ao pescoço e agride-me com um beijo de amante. À porta de casa, nas barbas dos vizinhos, que a essa hora de cerrar a noite voltam de seus cansaços e se juntam à conversa, amarga ou folgazã, na grande sala comum que é a Rua de Trás.